



Ateliê de História

Palavras - chave:
Sociabilidades.
Congonhinhas. História Oral.

A PRESENÇA DO MST NO MUNICÍPIO DE CONGONHINHAS (1999-2012)

Junahil Ferreira Mainardes ¹

Lucas Patschiki ²

INTRODUÇÃO

Resumo: O presente artigo buscou analisar porque no município de Congonhinhas-PR foi permitida uma incorporação menos problemática do MST à sua dinâmica. A pesquisa procurou analisar como se deu o processo de socialização entre os integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e os moradores da área urbana do município e quais foram as transformações sociais, culturais e econômicas ocorridas no espaço local de Congonhinhas a partir da ocupação dos integrantes do movimento no ano de 1999, formando nos anos posteriores os assentamentos de Carlos Lamarca, Robson de Souza, Roximi e Rosa Luxemburgo. Esses assentamentos constituídos por famílias do município de Congonhinhas e de outros municípios da região foram ao longo do tempo se integrando a população do município e atualmente essas famílias estão totalmente integradas à comunidade e participam de todas as decisões importantes do município. Através do uso das técnicas da História Oral, o presente trabalho procurou compreender o processo de socialização entre os diferentes grupos a partir da visão de quatro colaboradores, o líder do MST, Márcio Leandro Conrat, a secretária do MST e também assentada, Márcia, a comerciante e professora municipal Marlene Aparecida de Paiva Rosa e o assentado Lourival Pedro da Silva para tentar explicar porque em Congonhinhas a atuação do MST foi vista como um marco histórico para o município.

A presente pesquisa abordará introdutoriamente estas mudanças ocorridas com a chegada do MST, entendendo que a vinda dos assentados para o município passou a ser um marco histórico, por trazer significativas na organização social, política e econômica do mesmo.

As contribuições apresentadas por esta pesquisa consistem na difusão de novos conhecimentos e abordagens, bem como na reflexão crítica sobre as perspectivas do desenvolvimento econômico, social e político do Município de Congonhinhas como fruto da integração dos assentados a população do município e a ampliação da agricultura familiar.

Nosso objetivo foi o buscar compreender o motivo do MST sofrer uma incorporação menos problemática na dinâmica social do município, portanto, também pontuando as transformações ocorridas. A pesquisa procurou compreender as mudanças a partir da visão dos integrantes do movimento e da população local para visualizar as representações que os integrantes do MST e a população local construíram sobre os processos desencadeados a partir da criação dos assentamentos e da integração dos novos habitantes ao longo de treze anos da presença do movimento.

Para tanto recorremos ao uso da metodologia da história oral, que possibilitou o contato e o diálogo com os sujeitos que fizeram parte deste processo a fim de perceber as memórias e narrativas na luta pela terra e como estas intenções do movimento são percebidas também pelos não-integrantes da localidade. Esta abordagem metodológica quando baseada na historiografia e nos princípios éticos recomendados à criação intencional de fontes, nos permite análise qualitativa do caso estudado - diferente de outras fontes, ajudou a “captar” o ocorrido a partir da percepção dos colaboradores.

Para Cruikshank (1996, p. 151) a história oral é uma expressão mais especializada, que em geral se refere a um método de pesquisa, no qual se faz uma gravação sonora de uma entrevista sobre experiências diretas ocorridas durante a vida de uma testemunha ocular. Através das entrevistas foi possível “*levantar questões sobre aspectos da experiência do colaborador a respeito dos quais ele nunca falou ou pensou seriamente*” (PORTELLI, 2001, p.12). Garrido (1992, p. 40) refletindo sobre as contribuições do registro oral, considerado por este autor como fontes orais para fazê-lo se históricos, ao salientar a diferenciação deste documento das fontes escritas, afirma:

Em boa medida, o registro oral, de uma forma mais direta do que o escrito - por aquilo que tem de involuntário no sentido de não ser selecionado para a posteridade - pode oferecer, eventualmente, estruturas de compreensão alternativas às elaboradas a partir do trabalho exclusivo com as fontes escritas. O que parece evidente é que, pelo

¹ Graduada em Licenciatura em História pela UEPG/UAB. E-mail: junahil@hotmail.com

² Orientador. Doutorando em História/UFG. Mestre em História/UNIOESTE. Bacharel em História/UEPG

menos, podemos aceitar que pode e deve haver um diálogo, uma relação/integração dialética entre os dois.

Para o autor o registro oral ofereceu à medida que contribuiu para o entendimento das relações estabelecidas entre os assentados no interior do processo de lutas orquestrado pelo MST, e as suas relações de luta que no processo de socialização com a vida urbana e a conquista de espaços e direitos. Assim, o método visou trazer à tona vozes que não seriam de outro modo escutadas e por compreender que a mesma atende aos objetivos propostos.

Para pensar as transformações ocorridas no espaço local a partir da chegada e consolidação do MST na cidade elegemos como referencial teórico-metodológico os estudos de E. P. Thompson, tendo como eixo de análise os estudos de Vendramini (2004) e Moraes e Müller (2003).

Para Thompson (1978, apud Müller e Moraes, 2003, p. 337), “homens e mulheres atuam e constroem suas vidas em condições determinadas e vivem a experiência tanto no âmbito do pensamento como no âmbito do sentimento”. Ele divide essa experiência na experiência vivida e na experiência percebida. Para o autor a única maneira possível de se explicar as mudanças históricas é analisando os fatos que ocorrem de forma independente da consciência ou intencionalidade na vida do ser social que resultam na experiência vivida pelo mesmo. Segundo Thompson, essa experiência vivida provoca mudanças que dão origem a uma nova consciência ao mesmo tempo em que exerce pressões sobre a consciência social existente.

Neste sentido, a chegada e consolidação do MST no município de Congonhinhas foi um fato independente que resultou na experiência vivida pelos moradores do município que gerou uma nova consciência dos moradores do município sobre o seu espaço local, modificando também a própria história da sociedade congonhense.

Selecionamos um grupo de entrevistados constituído por quatro pessoas identificados no trabalho como colaboradores 1, 2, 3 e 4. O grupo foi constituído pelo líder do MST, Marcio Leandro Conrat, 36 anos (colaborador 1), pela secretária do movimento Márcia, 20 anos (colaboradora 2), pela comerciante e professora municipal Marlene Aparecida de Paiva Rosa, 51 anos (colaboradora 3) e pelo senhor Lorival Pedro da Silva, 51 anos (colaborador 4), ex-morador da área urbana de Congonhinhas que atualmente reside com a família no assentamento Rosa Luxemburgo.

Para interpretação das fontes orais foi retomado

a perspectiva apontada por Martins (1993, p.32) ao discutir os códigos de linguagem dos entrevistados: “*uma linguagem que oculta e revela [...] o que é dito nem sempre corresponde ao que é feito, e o que é feito nem sempre se espelha no acontecido*”. E afirmamos o cuidado necessário para o levantamento dos problemas, a busca dos sujeitos da pesquisa garantindo assim que as entrevistas pudessem oferecer as contribuições necessárias para se compreender como foi o processo de integração do MST ao município de Congonhinhas e quais transformações que ocorreram no espaço local a partir da chegada e da consolidação do MST na cidade.

O nosso objetivo não está na experiência de vida destas pessoas, mas sim, em relação ao acontecimento da chegada e consolidação do MST na cidade. Para tanto, identificando as transformações que ocorreram no espaço local a partir da chegada e da consolidação do MST na cidade.

O município de Congonhinhas

Nossa hipótese é que se para os moradores do município de Congonhinhas a presença dos integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) na área rural do município possui uma conotação positiva, isso está relacionado ao fato de que depois que o movimento chegou à cidade houve um aumento no número de habitantes do município e um aumento no giro do dinheiro investido no comércio local ajudando a reverter o quadro de estagnação que assolou o município na década de 1970, período em que a economia da região entrou em declínio levando muitos municípios da região a entrar num período de estagnação econômica e queda populacional.

O município de Congonhinhas foi criado originou a partir do desmembramento de São Jerônimo da Serra e foi instalado como município em 20 de março de 1945, o município possui uma área territorial de 532,329 km² e é uma das cidades da região do Norte Pioneiro, que de acordo com o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (2007, p. 13):

[...] está localizado em uma área de transição entre o Segundo e Terceiro Planalto paranaenses e abrange uma área de 10.436,35 km², que corresponde a cerca de 5,2% do território estadual [...]. Esta região faz divisa ao norte e oeste com o território Cornélio Procopio; ao sul, com os territórios Caminhos do Tibagi e Ponta Grossa; e ao leste, com o estado de São Paulo. O território é constituído por 29 municípios: Abatiá, Carlópolis, Congonhinhas, Conselheiro Marink, Guapirama, Ibaiti, Jaboti, Jacarezinho, Japira, Joaquim Távora, Jundiá do Sul, Nova Fátima, Nova

Santa Bárbara, Pinhalão, Quatiguá, Ribeirão Claro, Ribeirão do Pinhal, Salto do Itararé, Santa Amélia, Santa Cecília do Pavão, Santana do Itararé, Santo Antônio da Platina, Santo Antônio do Paraíso, São Jerônimo da Serra, São José da Boa Vista, Sapopema, Siqueira Campos, Tomazina e Wenceslau Braz. Esse conjunto de municípios reúne 306.502 pessoas, representando 3% da população estadual.

Os municípios dessa região nasceram no período de expansão do café na região do Norte do Paraná, no geral eles são formados por migrantes vindos principalmente de Minas Gerais, São Paulo e da Bahia. Esses municípios tiveram o seu auge de desenvolvimento durante as décadas de 40 e 50 decaindo depois no decênio seguinte, quando a maior parte dos municípios do Norte Pioneiro entrou num período de estagnação da economia devido à crise do café. Segundo Steca e Flores (2008, p. 197):

Os municípios dessa região nasceram no período de expansão do café na região do Norte do Paraná, no geral eles são formados por migrantes vindos principalmente de Minas Gerais, São Paulo e da Bahia. Esses municípios tiveram o seu auge de desenvolvimento durante as décadas de 1940 e 1950 decaindo depois nas décadas de 1960 e 1970 quando a maior parte dos municípios do Norte Pioneiro entrou num período de estagnação da economia devido à crise do café.

Com isso, a população que estava concentrada principalmente na área rural dos pequenos acabou migrando para centros maiores levando a região a passar por um processo de estagnação econômica que tem como uma das principais consequências a região a queda populacional.

São diversos os motivos da estagnação econômica da região do Norte Pioneiro, mas em todos os municípios eles têm alguns aspectos parecidos, um deles está relacionado à atração que cidades maiores como Londrina exerceram e ainda exercem sobre a população dessa região, levando o rendimento dos pequenos municípios a se concentrar nas cidades maiores, transformando-as em pólos econômicos da região. Outra questão refere-se ao modelo de distribuição de terra que marcou a região e a forma de colonização que caracterizou os pequenos municípios da região desde a sua formação, favorecendo a má distribuição de terras. A maioria dessas cidades foi formada por grandes propriedades rurais que se concentraram nas mãos de poucos, enquanto que o restante da população se tornou mão de obra barata e disponível. Por fim, não poderíamos deixar de assinalar a falta de investimento Estatal na infraestrutura necessária para diversificar a economia local.

A partir da década de 70 os municípios da região começam a sentir a diminuição no número de

habitantes, e como não houve mudanças no modelo da divisão de terras ao longo do tempo, estes conheceram um processo inverso ao que havia ocorrido nas décadas de anteriores: ao invés do município se desenvolver e aumentar a população, ele diminuiu de tamanho e perdeu parte da sua população. Esta passou a migrar para os centros maiores em busca de melhores oportunidades de trabalho e melhores condições de vida.

Em Congonhinhas, o quadro de estagnação econômica e queda populacional perduraram até o final da década de 90, sendo que só passou a ser revertido quando o MST chegou ao município, promovendo mudanças sociais significativas.

O município e o MST

Para compreender porque para os moradores do município em especial comerciantes, professores e moradores da área de periferia do município a chegada do MST no município foi um marco histórico é preciso levar em consideração que o município antes da chegada do movimento este se encontrava numa situação de estagnação econômica e já havia perdido a grande maioria dos seus habitantes.

O município há décadas vinha sofrendo um processo de queda populacional, em 1970 Congonhinhas contava como uma população estimada em 18.472 habitantes, dos quais a maioria se concentrava na área rural do município, muitos trabalhavam nas fazendas como colonos e também era grande o número de propriedades agrícolas de pequeno porte. No ano de 1999 o município havia perdido mais de 10.000 habitantes.

Essa taxa de evasão do campo para a cidade pode ser observado através dos dados do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES), sendo que a taxa média anual de crescimento geométrico da população de Congonhinhas apresentou índices negativos nas décadas de 70 e 80 e que só começou a melhorar na década de seguinte, como pode ser observado no quadro 1:

QUADRO 1 - Taxa média anual de crescimento geométrico da população de Congonhinhas:

Período	Índice %
1970-1980	-7,7
1980-1991	-0,6
1991-2000	0,1
2000-2007	1,3

Fonte: http://www.ipardes.gov.br/webis/docs/territorio_norte_pioneiro.pdf. Tabela organizada pela autora

Como pode ser observado no quadro acima o período de 70-80 foi onde apresentou o maior saldo negativo de crescimento populacional, sendo que no período 80-91 esse índice foi menor, mas ainda negativo. O crescimento populacional só começou a ser observado a entre o ano de 00-07, que teve um crescimento de 1,3% na população total do município. Ainda de acordo com o Ipardes (2007), entre o período 00-07, apenas Congonhinhas e Jaboti, ambos municípios com menos de 10 mil habitantes, experimentaram crescimento populacional a um ritmo mais elevado do que o do Paraná, que foi de 1,1%.

O crescimento maior coincide com a chegada do MST ao município. Sendo assim, o quadro de queda populacional que assolava a região começou a se reverter justamente com a chegada do MST e com a instalação dos assentamentos nos anos seguintes atraindo mais famílias que foram sendo integradas ao número de habitantes de Congonhinhas, como pode ser observado no quadro 2 que traz a estimativa da população do município para dez anos.

QUADRO 2 - População estimada por ano, 1999 a 2009 (TCU):

1999	7.579	Estimativa
2000	7.851	Censo
2001	7.857	Estimativa
2002	7.867	Estimativa
2003	7.875	Estimativa
2004	7.891	Estimativa
2005	7.900	Estimativa
2006	7.909	Estimativa
2007	8.552	Estimativa
2008	8.931	Estimativa
2009	9.035	Estimativa

Fonte: http://www.conasems.org.br/conasems_dados/municipios_detalhes.php?mun=410600. Tabela organizada pela autora.

E apesar do município não ter alcançado a estimativa de crescimento populacional estabelecido na tabela, nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, o censo realizado em Congonhinhas registrou 8.279 habitantes no município, havendo um aumento de 428 habitantes em relação a 2000. Já a estimativa para o ano de 2011 foi de 8.312 pessoas e a estimativa para 2013 é de 8.648 habitantes, prevendo um aumento de 797 habitantes.

Esse aumento real e aumento da expectativa é a comprovação de que a chegada do MST está ajudando a reverter o quadro de queda populacio-

nal que o município vinha apresentando até então. Isso, porque segundo Marques (2008), a reforma agrária não promove apenas a reintegração social de uma população marginalizada ela transforma espaços onde os assentamentos estão instalados. A demografia, a economia, a composição do público eleitoral alteram-se. Nestes locais eleva-se o consumo, demanda por serviços de créditos, as trocas comerciais, a produção agropecuária em razão do trabalho efetuado onde até então não existia. Essa transformação afeta não só a economia do local, mas ela também promove uma transformação na própria organização da cidade e na autoestima da população como ocorreu em Congonhinhas experimentou uma revitalização do seu espaço local a partir da chegada do MST.

Os assentados e a população local

A história do Movimento dos Sem Terras (MST) no município de Congonhinhas, começou em 1999, mas o movimento já estava instalado na região do Norte Pioneiro do Paraná nos municípios de Saposema, São Jerônimo da Serra e Ibaiti, municípios que são circunvizinhos à Congonhinhas.

Em Congonhinhas o movimento fez a sua primeira ocupação em 1999, quando foi ocupada a fazenda Santa Terezinha, fazenda que era formada por uma área de 649,709 hectares. Esta fazenda tornou-se o assentamento Robson Vieira de Souza em 2004, abrigando 39 famílias. Esta ocupação serviu de base para a segunda, ainda no ano de 1999, quando foi ocupada a fazenda Santa Mônica, que depois de briga judicial tornou-se o assentamento Roximi e atualmente abriga 11 famílias. A terceira, e mais importante, das ocupações no município que ocorreu no dia 21 de abril de 2000 quando os integrantes do MST ocuparam a fazenda Marabá que abrigou mais de seiscentas famílias, uma fazenda de araucária que segundo o líder do MST, Marcio Leandro Conrat estava sendo entregue ao banco. Aqui foram assentadas 138 famílias.

Segundo o colaborador 1, liderança do MST, essa ocupação serviu de motivação para que a luta do movimento continuasse em Congonhinhas e para que novas famílias se juntassem ao MST. Para ele,

a ocupação da antiga fazenda Marabá foi um divisor de água na luta do MST e pode ser dividido em antes e depois, por ser uma grande área e ter uma grande referência para a região. A partir do momento que se consegue o assentamento. (10/03/2014. Congonhinhas. Entrevista feita pela autora).

A quarta ocupação ocorreu em 2007 quando os integrantes do movimento ocuparam a fazenda Santa Rita e de acordo este mesmo colaborador 1, *“era uma área que o proprietário ofertou para vender para o INCRA, foi um processo rápido e tranquilo. Em 2008 já se conseguiu a emissão de posse e hoje tem 56 famílias assentadas”*.

Totalizando o número de famílias assentadas na área rural, o município conta com 241 famílias procedentes da área urbana do município e de outros municípios do estado do Paraná como Ibaiti e São Jerônimo da Serra, Sapopema, Santa Bárbara, entre outros, famílias totalmente integradas à comunidade de Congonhinhas incorporando a população atual do município.

Segundo os colaboradores as mudanças podem ser facilmente notadas, de acordo com eles, o município voltou a crescer e a população da cidade que vinha sofrendo um processo de defasagem desde a década de 1970, aumentou. Essas famílias ajudaram a promover o aquecimento da economia local possibilitando melhorias para o município.

Para os colaboradores, o fato do dinheiro dos acampados e assentados do MST ser gasto na própria cidade possibilitou um aumento na renda do município e melhorias na cidade. Segundo a colaboradora 3, *“a instalação dos assentamentos ajudou a mudar o ritmo da cidade possibilitando uma melhora na distribuição de renda e a melhora nas condições de vida das famílias”*.

Esta colaboradora, além de professora é também proprietária de uma lanchonete e afirma que depois da chegada do MST ao município o comércio expandiu e ficou praticamente com cara nova. O colaborador 1 destacou que o comércio foi um dos mais beneficiados com a chegada do MST e foram os primeiros a se aproximar dos integrantes do movimento.

De primeiro momento o primeiro apoio que se tem é do comércio local. Seiscentas famílias chegando num município do tamanho de Congonhinhas foi uma diferença enorme para o comércio local. Os comerciantes por não ser nada bobos, perceberam isso e tentaram aglutinar, juntar forças, trazer para perto os integrantes do movimento, demonstrando apoio e também interesse. (10/03/2014. Congonhinhas. Entrevista feita pela autora).

Também para algumas famílias que na época da chegada do MST moravam na periferia da cidade, a chegada do movimento foi um divisor de água, como é o caso do senhor Lourival Pedro da Silva, colaborador 4, que ao ser questionado porque ele resolveu se juntar ao MST destacou como motivo a busca de uma

nova perspectiva de vida, segundo ele:

Ah, eu achei que eu poderia mudar para uma vida melhor, mudar socialmente, eu cansei de ser empregado. Enfim, eu conversei com os líderes, arrisquei indo para a fazenda e hoje eu estou sossegado. Hoje eu sinto que é uma vida melhor, mais digna, ela é uma vida tranquila e progressiva. (26/02/2014. Congonhinhas. Entrevista feita pela autora).

Isto corrobora a leitura de Vendramini (2005, p. 69), para quem:

A decisão de participar de uma ocupação de terra é o marco inicial do MST. É uma decisão que só é tomada após muitas decepções, as quais se constituem em processos de aprendizagens. Desilusão em relação à possibilidade de comprar um pedaço de terra ou de conseguir um emprego. A aprendizagem acontece quando as pessoas têm consciência dessa situação e da necessidade de organizar-se para mudá-la. (26/02/2014. Congonhinhas. Entrevista feita pela autora).

Atualmente existem várias famílias do município que a exemplo das famílias dos colaboradores 2 e 3 tomaram a decisão de fazer parte do MST que na atualidade é visto com bons olhos pelos moradores. Mas segundo o colaborador 1, inicialmente as famílias de Congonhinhas tiveram uma resistência inicial em se juntar e apoiar o movimento e até mesmo cogitou-se a ideia de expulsar as famílias do primeiro acampamento:

Houve num primeiro momento um boicote de não aceitar essas famílias, de tentar, junto então do governador da época, Jaime Lerner, o despejo. Mas pela quantidade de famílias e área pertencer ao banco foi mais fácil continuar a luta e conseguir o assentamento. (10/03/2014. Congonhinhas. Entrevista feita pela autora).

Essa resistência inicial por parte dos moradores do município pode ser explicada por vários motivos. Segundo Vendramini (2005, p. 70), a ocupação é um ato radical e coletivo, que expressa, envolto em temor e sofrimento a desigualdade social e ela só é possível com uma grande massa de pessoas, com organização, com coesão em torno de objetivos em comum e com lideranças a frente num processo se junta homens, mulheres, crianças, jovens e idosos:

O enfrentamento faz parte da ocupação em meio aos despejos e reocupações. Os trabalhadores que ousam se organizar e confrontar a ordem estabelecida são violentamente reprimidos em suas ações, de diversas formas, desde as físicas até as simbólicas ou invisíveis manifestadas nas expressões e palavras, nas imagens e na desqualificação dos sem-terra e do MST.

Esse processo de desqualificação ocorreu no município de Congonhinhas, o que para o colaborador 1 pode ser explicado pelo receio daquilo que não se conhece. Outro fator que ajuda a explicar essa rejeição inicial e caracteriza essa desqualificação da luta do movimento está relacionado aos boatos que antecederam a chegada das famílias do MST. A notícia da chegada do movimento foi esperada com temor e apreensão pela população, como se pode observar pela fala do colaborador 3: *“foi num domingo de manhã e veio a notícia que viriam várias pessoas, polícia, que iam invadir a cidade, que iam quebrar tudo. Então, os comerciantes fecharam o comércio naquele dia”*.

Esse temor inicial só foi sendo dissipado conforme foi se estabelecendo as relações sociais entre a comunidade local e as famílias integrantes do MST que inicialmente se organizaram em um acampamento na área rural do município, onde foram desenvolvidas as negociações com o INCRA e as estratégias para reivindicar a posse da área ocupada. Segundo Marques (2008, p. 28):

[...] os acampamentos são os lugares iniciais da construção do território camponês, ou seja, do assentamento e do lote familiar. O território conquistado surge como base para outras lutas, tais como reivindicar por políticas de infraestrutura, serviços e financiamento voltados para os assentados.

Ainda de acordo com Marques (2008), os assentamentos estimulam a inserção de parentes e amigos na luta pela terra e neste contexto as visitas e contatos permite a troca de ideias e informações sobre a vida no acampamento, táticas empregadas nas ocupações, formas de organização do assentamento. Segundo Vendramini (2005, p. 74) um ponto essencial que se refere à formação dos sem-terra acampados diz respeito à rede de solidariedade que se cria em torno do acampamento. Pessoas dantes desconhecidas doam alimentos e roupas e manifestam seu apoio.

Esse estímulo pode ser percebido nos assentamentos e acampamentos existentes no município de Congonhinhas, tanto nos acampamentos quanto nos assentamentos existe o estabelecimento de um relacionamento positivo das famílias assentadas com a comunidade da área urbana, segundo os colaboradores o clima é cordial entre ambos os grupos e as visitas são frequentes. Essa cordialidade é destacada pelo colaborador 3, sobre a convivência com as outras famílias assentadas e com a comunidade local:

A relação é cem por cento. Não tem demagogia com ninguém, do jeito que eles [moradores locais] rece-

bem a gente aqui, nós também nós recebemos eles nos assentamentos. Eles vão passear lá, fazer visita. O pessoal é tudo tranquilo, todos nós temos uma boa amizade, tanto lá [Assentamento Rosa Luxemburgo] como nos outros assentamentos, sempre a gente sai visitar os outros assentamentos, fazer visita e fazer reunião. (26/02/2014. Congonhinhas. Entrevista feita pela autora).

A cordialidade também é mantida através de regras de convívio de convívio social que são estabelecidas neste espaço, as famílias acampadas para poder permanecer no local devem seguir as regras estabelecidas pelos líderes do movimento. Ainda segundo o colaborador 3:

A vida nos acampamentos é difícil, tem que ser um barraquinho perto do outro. A vida é complicada. Tem horário para se recolher e é expulso do lugar se um cara mexer com a família do outro ou brigar. Tem guarda vinte e quatro horas, o turno é dividido, ninguém entra ou sai sem autorização e é revistado aos entrar, se chega depois das 22 horas não pode entrar mais, tem que ficar conversando com os caras. As visitas são realizadas durante o dia, a noite não pode o máximo que pode entrar ou sair é 22 horas, se estiver lá dentro tem posar lá. (26/02/2014. Congonhinhas. Entrevista feita pela autora).

Apesar da rigidez o colaborador 3 entende que essas regras foram necessárias para que a vida no acampamento não virasse uma bagunça. Segundo Vendramini (2005, p. 70), essas regras são necessárias, pois *“a organização e vida num acampamento exige extrema organização, disciplina com regras muito firmes e o aprendizado de viver e organizar a vida junto com outras pessoas, dantes desconhecidas”*. Após o fim das negociações e a decisão da justiça é estabelecido os assentamentos.

Segundo Vendramini (2005, p. 72):

As passagens para o assentamento significam uma vitória, que traz consigo muitos desafios e conflitos. No acampamento estavam mobilizados para a luta pela terra, portanto, tinham algo muito forte em comum: uma trajetória marcada pela desigualdade social e a necessidade de mudar sua condição de vida, de ter trabalho, escola para os filhos e paz. Na nova vida de assentados, depara-se com um conjunto de necessidades que não fazia parte do seu cotidiano, no acampamento e antes dele. São desafiados a assumir tarefas complexas. É preciso planejar a vida e o trabalho, decidir a forma de organização da produção, o que plantar e onde, com quais recursos, fazer projetos para buscar financiamentos.

Neste período, as decisões sobre o que fazer com a terra conquistada cabe ao assentado. De acordo com o entrevistado 4:

Depois que a gente assenta tem o benefício do governo, já vieram três mil reais e pouco e tem mais

um que ta pra vim, mas também vai vir a casa de alvenaria, igual à casa que a gente tinha na cidade, provavelmente até o final do ano. Aí, a casa vinda nós já entramos no PRONAR na faixa de 20.000,00 que é o benefício do governo. Tem três anos de carência para pagar, mas se pagar certinho paga a metade. É uma ajuda que não tem o que reclamar. Aí se a pessoa souber usar esse dinheiro, ele sobre, se não souber ele vai pra baixo. (26/02/2014. Congonhinhas. Entrevista feita pela autora).

Mas também nesse espaço existe a presença de regras, elas se tornam mais brandas. Já não se controla mais os horários de entrada e saída, cada um cuida da sua família e do seu pedaço de terra, a interferência da liderança do movimento só ocorre em casos de brigas e conflitos internos. Isto pode ser observada na fala do colaborador 4:

No assentamento tem outra conversa. Se envolver caso de família também é feito o encaminhamento dele e expulso, vê o que resolve sobre o cara. Aí vai pra uma reunião com a coordenação e vê o caminho que pega. Às vezes é expulso, as vezes dá um castigo para o cara para ver se ele ajeita se não acertar aí é rua mesmo. O assentamento é bem organizado, o cara pode sair e deixar a família dele lá. Não é preciso ficar pensando que, eu tô aqui e tenho que cuidar do negócio, a minha mulher vai ficar sozinha lá. Pode largar é bem organizado. (26/02/2014. Congonhinhas. Entrevista feita pela autora).

Em Congonhinhas os assentamentos se constituíram como um importante espaço de luta pela reforma agrária e a grande maioria dos assentados permaneceram na terra, muitas famílias que viviam nas periferias sem grandes perspectivas de melhorias hoje estão na área rural, essas famílias estão cadastradas no programa “Compra Direta”, criado pelo governo federal, segundo o colaborador 4, o que se produz nos acampamentos a Prefeitura Municipal compra.

Segundo a Secretaria da Agricultura Familiar do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) o programa foi criado no ano de 2003 e é voltado para a aquisição da produção da agricultura familiar. Parte dos alimentos é adquirida pelo governo diretamente dos agricultores familiares, dos assentados da reforma agrária, das comunidades indígenas e dos demais povos e comunidades tradicionais, são utilizados para a formação de estoques estratégicos e para a distribuição à população em maior vulnerabilidade social. Os produtos são destinados à doação são oferecidos para entidades da rede de assistência social, usados em restaurantes populares, bancos de alimentos e cozinhas comunitárias e ainda para cestas de alimentos distribuídas pelo Governo Federal.

Outro fator que possibilitou que houvesse a integração das famílias assentadas foi o estabelecimento de um relacionamento cordial e o interesse que os acampados e assentados e lideranças do movimento demonstram para resolver questões relacionadas a comunidade local. Segundo a colaboradora 3, que, lembremos, é professora municipal: *“nas escolas, eles são prestativos, às vezes tem reunião, eles estão sempre participando, em festas, eles se propõe a ajudar”*.

Segundo Vendramini (2005, p. 77), a presença dos trabalhadores rurais assentados dinamiza a vida nos pequenos municípios eles ajudam a movimentar a economia, interferem na política local, impõem a construção de escolas, exigem a melhorias de estradas, entre outras coisas e o reconhecimento por parte da comunidade de Congonhinhas não se dá somente pela capacidade dos trabalhadores no campo da produção, mas também pelas melhorias conquistadas em outros setores. Segundo o colaborador 1, *“o movimento é um movimento autônomo, ele não é ligado a nenhum partido, as pessoas do MST lutam pelo direito de qualquer cidadão, direito a educação, direito a saúde, a estradas de boa qualidade, já que moramos na área rural”*.

Do ponto de vista dos moradores da cidade, houve muitas melhorias no município e depois da chegada do MST, a colaboradora 3, ela destaca não só o aumento de crianças matriculadas nas escolas, o aquecimento da economia local, como também destaca melhorias na aparência do município. Segundo o colaborador 1, líder do movimento, o período de entre 07 e 09 foi muito importante para o processo de integração das famílias assentadas e acampadas, neste período os acampados e assentados foram para a área urbana do município para ajudar a fazer um trabalho de embelezamento da cidade, ele acredita que muitas pessoas se lembram disso, segundo ele, foi um trabalho que envolveu boa parte da comunidade e que acabou promovendo a socialização entre as famílias acampadas e assentadas e a comunidade da área urbana de Congonhinhas, acabando, na visão dele com o preconceito e a resistência que houve no contra o movimento.

Atualmente não se registra casos na cidade relacionados a preconceito contra os assentados e acampados, tanto que novos acampamentos foram montados no patrimônio que pertence ao município (Patrimônio do Vaz) e novas famílias estão sendo aguardadas no município de Congonhinhas. Também há uma grande aceitação do envolvimento

do MST em outras questões do município que estão além da questão da terra devido à experiência e a força política do movimento que de acordo com os moradores locais só têm trazido coisas boas para a cidade.

Considerações finais

A proposta inicial dessa pesquisa tinha como objetivo geral mostrar como ocorreu a integração dos integrantes do MST com a população do município de Congonhinhas, buscando pensar porque neste município ocorreu uma incorporação menos problemática do movimento.

Nessa trajetória de aproximação, entrevistas e análise exposta, acreditamos que é possível afirmar que o processo de socialização entre a população local e as famílias integrantes do movimento se deu sem grandes conflitos, não houve conflitos nem com a polícia e nem com os fazendeiros locais, essas terras foram negociadas com os fazendeiros locais através do INCRA que oficializou os assentamentos.

Também se observou que a instalação do MST no município proporcionou melhorias em todos os setores, na educação o movimento luta pela construção de escolas nos assentamentos, na saúde o movimento procura reivindicar melhorias junto ao prefeito da cidade, na economia houve um aquecimento devido ao aumento de pessoas que atualmente compram no município e na própria constituição da política local, já que o movimento evita tomar lados e partidos durante os mandatos, colocando os interesses das famílias assentadas e acampadas em primeiro lugar.

Por fim, nos cabe dizer que este é um trabalho que não se conclui, pois mesmo que agora os assentados já *sejam habitantes* de Congonhinhas, tanto o crescimento do município quanto o desenvolvimento dos assentamentos continua, sendo que esperamos que esta pesquisa possa vir a contribuir para trabalhos futuros.

Fontes

Entrevistados

- 1) CONRAT, Marcio Leandro. Congonhinhas. Entrevista concedida em 02 de março de 2014.
- 2) PAIVA, Márcia Irandina. Congonhinhas. Entrevista concedida em 17 de fevereiro de 2014.
- 3) ROSA, Marlene Aparecida de Paiva. Congonhi-

nhas. Entrevista concedida em 26 de março de 2014.

- 4) SILVA, Lorival Pedro da. Congonhinhas. Entrevista concedida em 25 de fevereiro de 2014.

Referências:

BRASIL. **Ministério do Desenvolvimento Agrário** (MDA). Secretaria da Agricultura Familiar Compra Direta da Agricultura Familiar. Disponível em: <<http://portal.mda.gov.br/portal/saf/programas/paa/2290401>>. Acesso em 26 de março de 2014.

CRUIKSHANK, Julie. **Tradição oral e história oral**: revendo algumas questões. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. (org). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro. Editora da FVG, 1996. 277p. p. 148- 164.

FERNANDES, Bernardo M. **A formação do MST no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2000.

GARRIDO, Juan Alcazar i., **As fontes orais na pesquisa histórica**: uma contribuição ao debate. Revista Brasileira de História. n.25/26. Memória, História, Historiografia. v.13, set/92 ago/93.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Cidades@:Congonhinhas. Disponível: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=410600&search=parana|congonhinhas|infograficos:-informacoes-completas>>. Acesso em 28 de março de 2014.

MARTINS, José de Souza. **A chegada do estrangeiro**. São Paulo: Hucitec, 1993.

MORAES, Maria Célia Marcondes de, MÜLLER, Ricardo Gaspar. História e experiência: contribuições de E. P. Thompson à pesquisa em educação. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 21, n.02, p. 329-349, jul./dez, 2003.

NEVES, Joana. **História Local e construção da identidade social**. Saeculum – revista de História. nº 3. João Pessoa, jan./dez. 1997.

PARANÁ. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social – IPARDES. **Diagnóstico Sócio Econômico do território do Norte Pioneiro**. I.a fase: caracterização global / Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. – Curitiba:

IPARDES, 2007. Disponível em: <http://www.ipar-des.gov.br/webisidocs/territorio_norte_pioneiro.pdf> Acesso em 25 de março de 2014.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como gênero**. São Paulo: Proj. História, 2001. p. 12.

SILVA, Edson Armando; SANTOS, Francieli Lunelli; DENIPOTI, Cláudio. **Métodos e técnicas de pesquisa em história II**. Ponta Grossa: UEPG/NUTEAD, 2011.

VENDRAMINI, Célia Regina. **Experiência humana e coletividade em Thompson**. Revista Esboços, v. 11, n. 12, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/issue/view/48>> Acesso em 10 de abril de 2014.

_____. **A Experiência Coletiva como Fonte de Aprendizagens nas Lutas do Movimento Sem Terra no Brasil**. Revista Lusófona de Educação, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rle/n6/n6a06>> Acesso em 31 de março de 2014.